

# CREDO, POÉTICA E POLÍTICA

[CREED, POETICS AND POLITICS]

**TERESINHA V. ZIMBRÃO DA SILVA<sup>1</sup>**

ORCID 0000-0002-9866-1151

Universidade Federal de Juiz de Fora – Juiz de Fora, MG, Brasil

**Resumo:** No presente artigo, nossa intenção é contribuir para a complexa discussão sobre a espiritualidade e o engajamento do escritor Guimarães Rosa (1908-1967). Para tanto, analisaremos suas ideias sobre credo, poética e política, expostas na longa entrevista que o escritor brasileiro concedeu ao crítico alemão Günter Lorenz em janeiro de 1965, na cidade de Gênova. Guimarães Rosa é conhecido como um escritor espiritual e não engajado, contudo, pretendemos aqui mostrar que, em certo sentido, ele não somente é um escritor espiritual, como também é um escritor engajado.

**Palavras-chave:** Guimarães Rosa; espiritualidade; engajamento

**Abstract:** In this article, we intend to contribute to the complex discussion on spirituality and engagement of the writer Guimarães Rosa (1908-1967). For that, we will analyse his ideas on creed, poetics and politics, exposed in the long interview that the Brazilian writer gave to the German critic Günter Lorenz in January 1965, in the city of Genoa. Guimarães Rosa is known as a spiritual, not engaged writer, however, we intend to show that, in a sense, he is not only a spiritual writer, but also an engaged writer.

**Keywords:** Guimarães Rosa; spirituality; engagement

## 1. Considerações iniciais

Iniciaremos este trabalho com uma reflexão geral sobre espiritualidade e engajamento, explicitando as condições específicas pelas quais esses termos estão sendo considerados aqui, e, a partir daí, relacionaremos essa reflexão às ideias do escritor brasileiro João Guimarães Rosa expostas na entrevista concedida ao alemão Günter Lorenz em 1965 (ROSA, 2009, p. XXXI-LXV). Note-se que credo, poética e política foram então discutidos de modo explícito: Rosa aproximou a poética do credo e a distanciou da política, coerente com a sua própria imagem de escritor espiritual e não engajado. No entanto, analisando essa mesma entrevista, procuraremos mostrar, redefinindo aqui os termos “espiritualidade” e “engajamento”, que é possível colocar em convivência, no caso de Guimarães Rosa, a imagem do escritor espiritual com a do escritor engajado. A reflexão que desenvolveremos no presente trabalho sobre literatura, engajamento e espiritualidade integra estudos que se propõem a ler texto e contexto literários à luz de uma perspectiva espiritual engajada.

## 2. Perspectiva espiritual engajada

Consideremos, então, os dois conceitos, começando pelo de “engajamento”. Eis o seu significado em alguns dicionários da Língua Portuguesa: “[e]nvolvimento a serviço de uma ideia ou de uma causa (por exemplo: engajamento político)” (ENGAJAMENTO..., 2008-2021.); “[a]licciamento de pessoas que se tornem partidárias de uma causa e passem a defendê-la ativamente” (ENGAJAMENTO..., 2015); “[s]ituação de quem sabe que é solidário com as circunstâncias sociais, históricas e nacionais em que vive, e procura, pois, ter consciência das consequências morais e sociais de seus princípios e atitudes” (FERREIRA, 1986, p. 653). Neste trabalho, definiremos “engajamento” procurando distanciar o termo de conotações político-partidárias, para ficarmos com a ideia geral de “envolvimento a serviço de uma causa”.

Passemos agora à definição de “espiritualidade”: “[s]entimento de transcendência, elevação, sublimidade” (ESPIRITUALIDADE..., 2015); “[d]outrina acerca do progresso metódico na vida espiritual” (FERREIRA, 1986, p. 706). Definiremos espiritualidade procurando afastar o termo de conotações que o distanciem do mundo terreno, apontando para um mundo além. Para tanto, recorreremos à definição de espiritualidade concebida por dois homens que representam bem o que estamos chamando aqui de “espiritualidade engajada”: o líder budista tibetano Dalai Lama e o teólogo cristão brasileiro Leonardo Boff.

Note-se que incluiremos, então, na definição de espiritualidade a ideia de responsabilidade, pois tanto na concepção de Dalai Lama (2000) quanto na concepção de Leonardo Boff (2006) sobressai uma ideia de espiritualidade em íntima relação com um sentimento de responsabilidade pelo destino não só do próprio indivíduo, mas também da comunidade de seres que habitam a terra e o universo. Para ambos, a espiritualidade está relacionada ao desenvolvimento de qualidades tais como amor, compaixão e também responsabilidade, qualidades que trazem felicidade tanto à própria pessoa como aos outros. Segundo o budista e o cristão, é possível compreender a espiritualidade em seu significado de profundo processo transformativo capaz de dar um sentido interno e externo à vida e, portanto, de constituir um caminho para o autoconhecimento do ser humano e para seu engajamento com a transformação não só do seu mundo interior, como também exterior.

Em suma, é isso o que estamos definindo como perspectiva espiritual engajada, ou seja, aquela que considera a responsabilidade humana com a transformação tanto interna quanto externa – e é a partir de tal perspectiva que nos propomos a analisar texto e contexto literários. No caso deste trabalho, como já mencionamos, vamos relacionar essa reflexão sobre literatura, espiritualidade e engajamento especificamente às ideias de Guimarães Rosa expostas na entrevista a Günter Lorenz em 1965, em que os temas credo, poética e política foram discutidos.

### **3. Literatura e política**

*Embora eu veja o escritor como um homem  
que assume uma grande responsabilidade,*

*creio entretanto que não deveria se ocupar  
de política;  
não desta forma de política.  
Sua missão é muito mais importante: é o  
próprio homem.  
Por isso a política nos toma um tempo  
valioso.  
Quando os escritores levam a sério seu  
compromisso, a política se torna supérflua.*

(ROSA, 2009, p. XXXI)

Notemos que a entrevista que Rosa concedeu a Lorenz aconteceu durante o Congresso de Escritores Latino-Americanos realizado em Gênova em janeiro de 1965. Nesse congresso, foi formada, com um teor fortemente político, a primeira Sociedade de Escritores Latino-Americanos, da qual foram eleitos vice-presidentes Guimarães Rosa e Miguel Ángel Asturias, escritor guatemalteco que receberia o prêmio Nobel de Literatura em 1967.

Lorenz iniciou a conversa fazendo a seguinte observação: “Ontem, quando escritores participantes deste Congresso debatiam sobre a política em geral e o compromisso político do escritor, você, João Guimarães Rosa, (...) abandonou a sala”. (ROSA, 2009, p. XXXI); e acrescentou: “pela expressão de seu rosto e pelas observações que fez, podia-se deduzir que o tema em questão não era do seu agrado” (ROSA, 2009, p. XXXI). Rosa concordou, afirmando que, sim, saiu porque o tema de fato não lhe agradava e defendeu, em resposta a Lorenz, a opinião de que os escritores, embora tendo o dever de assumir grandes responsabilidades, não deveriam se ocupar de política, não dessa forma de política. Em seguida acrescentou: “peço-lhe que interprete isto mais no sentido das ninharias do dia-a-dia político” (ROSA, 2009, p. XXXII), sublinhando: “As grandes responsabilidades que um escritor assume são, sem dúvida, outra coisa...” (ROSA, 2009, p. XXXII).

Lorenz contra-argumentou que se tratava de uma posição bastante idealista, preocupar-se apenas com o homem em geral e deixar de lado o seu dia-a-dia, e comparou esse idealismo ao posicionamento apolítico do escritor argentino Jorge Luis Borges durante o Colóquio de Escritores Latinoamericanos y alemanes em Berlim Ocidental em 1964. Deu-se, naquele momento, forte polêmica entre Asturias e Borges, quando este último atacou os escritores engajados, afirmando que o engajamento é uma traição à Arte,

por ser tão somente documentação, e não Literatura. A isso, Rosa respondeu: “Acerca disto queria dizer que estou do lado de Asturias, e não de Borges. Embora não aprove tudo o que Asturias disse no calor do debate, não aprovo nada do que disse Borges”. (ROSA, 2009, p. XXXII). Em seguida, acrescentou: “As palavras de Borges revelaram uma total falta de consciência da responsabilidade, e eu estou sempre do lado daqueles que arcam com a responsabilidade, e não dos que a negam” (ROSA, 2009, p. XXXII).

Foge à proposta deste trabalho analisar a polêmica entre Asturias e Borges, mas sublinhamos, na fala de Rosa, a defesa de que o escritor deve arcar com responsabilidades. Lorenz ainda interrogou: “Como você definiria, por exemplo, sua concepção do dever de um autor, diferenciando-a de Asturias ou, naturalmente, de Jorge Amado?” (ROSA, 2009, p. XLV). Rosa respondeu: “Asturias tem algo do distanciamento incorruptível de um sumo-sacerdote; sempre enuncia novos dez mandamentos (...). As palavras de Asturias são palavras de um pai, de um patriarca que emite sentenças (...). Asturias é a poderosa voz do juízo final” (ROSA, 2009, p. XLV), enquanto ele, Rosa, sentia mais simpatia pelos escritores que adotam as normas de justiça e expiação dos contos de fadas, tal como Jorge Amado. Mas sublinhou: “Amado é um menino que ainda crê no Bem, na vitória do Bem (...), certamente quer mandar ao diabo muitas coisas, mas o faz de forma tão encantadora, que nos convence com maior razão. Asturias se expressa com palavras de ferro” (ROSA, 2009, p. XLV). Notemos que, ao responder sobre a sua concepção do dever de um escritor, diferenciando-a de Asturias e de Amado, Rosa defendeu que as palavras de ferro do patriarca em Asturias não encantam nem convencem tanto quanto as palavras do menino em Jorge Amado, por quem sentia mais simpatia. Talvez possamos deduzir daí que, para Guimarães Rosa, o dever do escritor está associado a escrever com o encantamento da criança.

Na mesma entrevista, Rosa explicou, ainda, porque não gostava de política, “dessa forma de política”: “A política é desumana porque dá ao homem o mesmo valor que uma vírgula em uma conta. Eu não sou um homem político, justamente porque amo o homem” (ROSA, 2009, p. XLV). Foi por isso, por amar o homem, lembrou Lorenz na entrevista, que Rosa, quando foi diplomata brasileiro em Hamburgo, durante a Segunda Guerra Mundial, se arriscou salvando judeus das mãos da Gestapo nazista. Rosa respondeu que sim, acrescentando: “O diplomata acredita que pode remediar o que os políticos arruinaram. Por isso agi daquela forma e não de outra” (ROSA, 2009, p. XLVI). Talvez

seja esse o exemplo mais explícito do que estamos definindo aqui como engajamento: assumir a responsabilidade individual para com a comunidade humana e, sobretudo, agir nesse sentido, tal como Guimarães Rosa fez ao se arriscar para salvar vidas judaicas do nazismo alemão.

Rosa ainda acrescentou a respeito: “O curioso no caso é que os políticos estão sempre falando de lógica, razão, realidade e outras coisas no gênero e ao mesmo tempo vão praticando os atos mais irracionais que se possam imaginar” (ROSA, 2009, p. XLVI). Voltando à questão da lógica, mais adiante na entrevista, Rosa sublinhou: “A lógica, prezado amigo, é a força com a qual o homem, algum dia haverá de se matar. Apenas superando a lógica é que se pode pensar com justiça” (ROSA, 2009, p. LXI), concluindo: “talvez eu seja um político, mas desses que só jogam xadrez, quando podem fazê-lo a favor do homem. Ao contrário dos ‘legítimos’ políticos, acredito no homem” (ROSA, 2009, p. XLVI). Notemos, assim, o quanto Guimarães Rosa coloca os seres humanos como peças centrais no xadrez do mundo.

Na verdade, seu argumento é o de que a política não valoriza, de fato, o homem, portanto, o escritor não deveria desperdiçar seu valioso tempo com ela; suas responsabilidades seriam outras. Rosa sobretudo defendeu que “[s]ua missão é muito mais importante: é o próprio homem” (ROSA, 2009, p. XXXI) e sublinhou: “Quando os escritores levam a sério seu compromisso, a política se torna supérflua” (ROSA, 2009, p. XXXI). Responsabilidade, compromisso, missão em relação ao homem, esses são os vocábulos usados por Rosa ao falar sobre o escritor. Seu humanismo é deveras explícito nessa entrevista. Notemos ainda o quanto o vocábulo “responsabilidade” (e assemelhados), tal como é usado por Rosa, pode ser aproximado dos vocábulos “engajamento” e “espiritualidade”, tal como definidos neste trabalho.

Podemos então perceber, nessa parte da entrevista em que Rosa falou explicitamente sobre política, a definição do seu posicionamento. Mesmo que por um lado este seja idealista, como sugere Lorenz, preocupando-se mais com a abstração de um homem em geral do que com a concretude do seu dia-a-dia, o fato é que, por outro lado, não se pode negar a Rosa a preocupação de assumir, como escritor, responsabilidades em relação ao homem. Rosa se revela, assim, um verdadeiro humanista. Mas, o que seriam exatamente essas responsabilidades do escritor somente fica mais explícito na outra parte da entrevista, na qual Rosa confessou o seu credo, a sua poética...

#### 4. O credo e a poética de Rosa

*[G]ostaria de explicar meu compromisso,  
meu compromisso do coração,  
e que considero o maior compromisso  
possível,  
o mais importante, o mais humano e acima  
de tudo o único sincero.  
Outras regras que não sejam este credo,  
esta poética e este compromisso não existem  
para mim, não as reconheço.  
Estas são as leis da minha vida, de meu  
trabalho, de minha responsabilidade.  
A elas me sinto obrigado, por elas me guio,  
para elas vivo.*

(ROSA, 2009, p. XLII).

Notemos que, nessa outra parte da entrevista, Guimarães Rosa, ao falar das responsabilidades do escritor, explicitou alguns aspectos espirituais da sua relação com a literatura e com a linguagem, já notados por Teresinha V. Z. Silva no artigo “Guimarães Rosa: ‘esta é a minha mística’” (SILVA, 2015, p. 204-218). Também essa parte da entrevista rosiana pode ser convocada para explicitar que a espiritualidade de Rosa é engajada, no sentido em que espiritualidade e engajamento estão sendo definidos no presente trabalho.

Principiemos por notar que Lorenz desafiou então Rosa a confessar o seu credo como escritor, ao que este respondeu: “cada homem tem seu lugar no mundo e no tempo que lhe é concedido. Sua tarefa nunca é maior que sua capacidade para poder cumpri-la. Ela consiste em preencher seu lugar, em servir à verdade e aos homens” (ROSA, 2009, p. XLII), explicando em seguida: “Conheço meu lugar e minha tarefa; muitos homens não conhecem, ou chegam a fazê-lo quando é demasiado tarde. Por isso, tudo é muito simples para mim, e só espero fazer justiça a esse lugar e a essa tarefa” (ROSA, 2009, p. XLII). Assumindo então suas responsabilidades como escritor e, a partir desse lugar, cumprindo a sua tarefa de se colocar a serviço da humanidade e da verdade, Rosa concluiu: “Veja como o meu credo é simples” (ROSA, 2009, p. XLII).

Como notou Silva (2015), Rosa empregou termos como “credo” e “verdade”, mais pertencentes ao universo semântico da espiritualidade do que da literatura. Portanto, parece que, para Rosa, essas semânticas se fundem, tanto que ele ainda defendeu por

explícito: “credo e poética são uma mesma coisa” (ROSA, 2009, p. LII), e reiterou: “Não deve haver nenhuma diferença entre homens e escritores” (ROSA, 2009, p. XLII), de onde se entende que, para Rosa, o credo do homem deve se assemelhar à poética do escritor. A respeito dessa fala rosiana, Silva (2015) chamou a atenção para o fato de que não se deve entendê-la como biografismo, e sim como proposta de um *continuum* vida-obra.

Na verdade, na parte da entrevista em que falou mais explicitamente sobre política, Guimarães Rosa concordou com o seguinte comentário de Lorenz: “Você quer dizer então que aprova que um escritor discuta sobre política, apenas quando também às suas obras der um acento político, e não quando se mostrar politicamente neutro em suas obras?”. (ROSA, 2009, p. XXXII). Ao que Rosa respondeu: “Sim, é verdade [que], embora eu ache que um escritor de maneira geral deveria se abster de política” (ROSA, 2009, p. XXXII). Portanto, Guimarães Rosa até admite que um escritor ocupe o seu tempo com política, desde que esta faça parte tanto do seu credo quanto da sua poética.

Essa proposta de um *continuum* vida-obra fica mais explícita na fala rosiana seguinte: “A vida deve fazer justiça à obra, e a obra à vida. Um escritor que não se atém a esta regra não vale nada, nem como homem, nem como escritor” (ROSA, 2009, p. XLII). Este seria, então, explicou ele: “meu compromisso, meu compromisso do coração” (ROSA, 2009, p. XLII) e sublinhou: “acredito que a literatura só pode nascer da vida, que ela tem de ser a voz daquilo que eu chamo ‘compromisso do coração’ (...). O escritor deve ser o que ele escreve” (ROSA, 2009, p. LII). Depois, ainda acrescentou: “Outras regras que não sejam este credo, esta poética e este compromisso não existem para mim, não as reconheço (...) tudo que possa me acontecer na vida está contido aí, ou não vale a pena ser chamado de confissão” (ROSA, 2009, p. XLII).

Como sublinhou Silva, “eis a confissão, o credo, a poética, o compromisso do coração, de servir à verdade e à justiça do escritor e do homem Guimarães Rosa” (SILVA, 2015, p. 212). Esse é um dado mais que relevante para se compreender a relação do escritor com a linguagem, relação sobre a qual Guimarães Rosa comentou: “quero voltar cada dia à origem da língua, lá onde a palavra ainda está nas entranhas da alma, para poder lhe dar luz segundo a minha imagem” (ROSA, 2009, p. LIII). Notemos, junto com Silva (2015), que, assim como Deus deu à luz o homem segundo a sua imagem,

Guimarães Rosa, apropriando-se da metáfora da criação divina para explicar a criação literária, se autodescreveu então dando à luz a palavra segundo a sua própria imagem.

Silva (2015) também chamou a atenção para o fato de Rosa, que já tinha advogado um *continuum* obra-vida, advogar então um *continuum* linguagem-vida: “Meu lema é: a linguagem e a vida são uma coisa só” (ROSA, 2009, p. LI). Sobre esse *continuum* linguagem-vida, Rosa já tinha confessado na entrevista: “Estou buscando o impossível, o infinito” (ROSA, 2009, p. XLIX). Essa busca pelo infinito se dá por meio do idioma: “O idioma é a única porta para o infinito, mas infelizmente está oculto sob montanhas de cinzas” (ROSA, 2009, p. LI), e cabe ao escritor aceitar a responsabilidade de desocultar esse idioma-porta: “Daí resulta que tenha de limpá-lo, e como é a expressão da vida, sou eu o responsável por ele, pelo que devo constantemente *cuidar dele*<sup>1</sup>”. (ROSA, 2009, p. LI). Mais uma vez, notemos, junto com Silva (2015), que, para Guimarães Rosa, o escritor deve assumir o compromisso do coração de cuidar da língua, limpar-lhe a poeira de cinzas mortas, a fim de que ela, porta para o infinito, possa se revelar do ocultamento e expressar outra vez a vida.

Lorenz ainda o desafiou: “uma vez você me disse que quando escreve quer se aproximar de Deus, às vezes demasiadamente. Certamente, isto também se relaciona com a língua. Como se deve entender isso?” (ROSA, 2009, p. LII). Rosa explicou, então, que querer estar demasiado próximo de Deus ao escrever/criar era considerado por muitos uma atitude blasfema, “já que assim se coloca o homem no papel de amo da criação” (ROSA, 2009, p. LII). Em outras palavras, a criatura advoga a blasfêmia de ter direito igual de criar e de se assemelhar assim ao criador: “O homem ao dizer: eu quero, eu posso, eu devo, ao se impor isso a si mesmo, domina a realidade da criação” (ROSA, 2009, p. LII). Mas a blasfêmia não terminaria aí, iria ainda além, pois Rosa, identificando-se ainda com o cientista, criatura que se arroga o direito blasfemo à correção do criador, acrescentou: “Nós, o cientista e eu, devemos encarar a Deus e o infinito, pedir-lhes contas, e, quando necessário, corrigi-los também, se quisermos ajudar o homem” (ROSA, 2009, p. LII). Defendendo, portanto, o direito blasfemo de corrigir Deus para ajudar o homem, Rosa exemplificou essa ajuda: “O bem-estar do homem depende do descobrimento do soro contra a varíola e as picadas de cobras, mas também depende de que ele devolva à palavra seu sentido original” (ROSA, 2009, p. LII), de onde surge mais uma blasfêmia

---

<sup>1</sup> *Umsorgen* (no original).

rosiana: restituir a palavra às suas origens seria tão vital para o ser humano quanto soros e vacinas.

Silva (2015) chamou a atenção para esse momento da entrevista como sendo aquele em que Rosa, ao dar continuidade ao seu raciocínio, revelou o cerne do seu credo como escritor: “Meditando sobre a palavra, ele se descobre a si mesmo. Com isto, repete o processo da criação” (ROSA, 2009, p. LII). Isso significa dizer que devolver a palavra às suas origens constituiria um verdadeiro processo meditativo, em que o escritor desvendaria a palavra e a si mesmo, criando e recriando. Não somente criaria ao escrever, mas, ainda, se recriaria como homem, restituindo a si e à palavra, através da sua meditação criadora, o seu significado original. Eis que parece existir para Rosa uma vinculação entre meditar-escrever-conhecer-criar-recriar-corriger, de onde o escritor repetiria o processo de criação divino. Rosa argumentou: “Disseram-me que isto era blasfemo, mas eu sustento o contrário” (ROSA, 2009, p. LII), resumindo: “Sim! a língua dá ao escritor a possibilidade de servir a Deus corrigindo-o, de servir ao homem e de vencer o diabo, inimigo de Deus e do homem” (ROSA, 2009, p. LII).

Notemos, outra vez junto com Silva (2015), o compromisso do coração, a responsabilidade do escritor para com a língua como verdadeira arma para vencer o diabo, corrigir Deus e servir ao homem: “A impiedade e a desumanidade podem ser reconhecidas na língua. Quem se sente responsável pela palavra ajuda o homem a vencer o mal” (ROSA, 2009, p. LII) e a derrotar o diabo, sobretudo presta serviço à verdade e à justiça, e assim contribui para “conseguir uma humanidade sem falsidades” (ROSA, 2009, p. LX). Rosa confessou: “Minha língua, espero que por este sermão você tenha notado, é a arma com a qual defendo a dignidade do homem” (ROSA, 2009, p. LV). A confissão rosiana se revelou aqui como sermão explícito, no qual, como o escritor ainda argumentou: “Somente renovando a língua é que se pode renovar o mundo” (ROSA, 2009, p. LVI). Fundindo sempre os campos semânticos da literatura e da espiritualidade, Rosa resumiu então sua confissão/sermão, apropriando-se da metáfora bíblica: “Deus era a palavra e a palavra estava com Deus” (ROSA, 2009, p. LVI).

Em suma, como notou Silva (2015), na confissão/sermão de Guimarães Rosa a respeito do seu credo/poética, explicita-se a relação espiritual do escritor com a literatura e com a linguagem. Pois, além disso, podemos também notar que este credo/poética guarda relações com a ideia de espiritualidade engajada, tal como definida neste trabalho.

Afinal, a responsabilidade que Rosa se atribui como escritor evoca um processo transformativo interno e externo: escrever/meditar/se conhecer/criar/recriar/corriger. Quando ele afirma: “Minha língua (...) é a arma com a qual defendo a dignidade do homem” (ROSA, 2009, p. LV), pois “somente renovando a língua é que se pode renovar o mundo” (ROSA, 2009, p. LVI), Rosa revela todo o seu respeito pelos interesses dos outros além dos seus próprios. Por fim, sua afirmação de que “meditando sobre a palavra, ele [o escritor] se descobre a si mesmo” (ROSA, 2009a, p. LII) sugere um caminho de autoconhecimento que se dá em paralelo ao engajamento em um processo transformativo que é interno e também externo: “Com isto repete o processo da criação” (ROSA, 2009, p. LII), recriação/correção do mundo.

## **5. Considerações Finais**

Ao lermos a entrevista de Guimarães Rosa a Günter Lorenz a partir de uma perspectiva espiritual engajada, esperamos ter explicitado o quanto a sua poética/credo guarda, de fato, relações com as ideias de espiritualidade e de engajamento, tal como definidas neste trabalho. Rosa, que não gostava de política, não “dessa forma de política”, revela-se então um escritor deveras engajado num processo transformativo não só interno, como também externo, e se atribui a grande responsabilidade de ajudar o homem a vencer o mal, a servir à verdade e à justiça e, assim, a renovar o mundo.

## **Referências bibliográficas**

- BOFF, Leonardo. *Espiritualidade: um caminho de transformação*. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.
- DALAI LAMA. *Uma ética para o novo milênio*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.
- ENGAJAMENTO. In: *Dicionário Michaelis da Língua Portuguesa* [em linha]. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2015. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/engajamento/>>. Acesso em: 19 fev. 2019.

ENGAJAMENTO. In: *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008-2021. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/engajamento>>. Acesso em: 19 fev. 2019.

ESPIRITUALIDADE. In: *Dicionário Michaelis da Língua Portuguesa* [em linha]. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2015. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/engajamento/>>. Acesso em: 19 fev. 2019.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 2 ed. rev. e aum. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.

ROSA, Guimarães. *Ficção completa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. (v. 1).

SILVA, Teresinha V. Zimbrão da. Guimarães Rosa: “esta é a minha mística”. *Terceira margem*: revista do Programa de Pós-graduação em Ciência da Literatura da UFRJ, Rio de Janeiro, v. 19, n. 31, p. 204-217, jan-jun. 2015.

*Recebido em 20/02/2021*  
*Aceito em 18/04/2021*

---

<sup>i</sup> **Teresinha V. Zimbrão da Silva** é Professora Titular do Departamento de Letras da UFJF, atuando na Graduação e Pós Graduação (Mestrado e Doutorado em Estudos Literários).  
**E-mail:** [teresinha.zimbrao@gmail.com](mailto:teresinha.zimbrao@gmail.com)